



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

SHEILA MARIANE BISPO LEITE

LITERATURA INFANTIL: ENFIM A DIVERSIDADE?

**SALVADOR
2008**

SHEILA MARIANE BISPO LEITE

LITERATURA INFANTIL: ENFIM A DIVERSIDADE?

Monografia apresentada ao Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Educação – Universidade Federal da Bahia, como requisito para conclusão do curso de Pedagogia sob a orientação da Professora Dr^a Lícia Maria Freire Beltrão.

**SALVADOR
2008**

SHEILA MARIANE BISPO LEITE

**MONOGRAFIA APRESENTADA COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO
GRAU DE PEDAGOGA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, PARA A
SEGUINTE BANCA EXAMINADORA:**

Professora: Maria Auxiliadora Vanderley

Professora: Emilia Helena Portella Almeida Monteiro de Souza

Professora Dr^a Lícia Maria Freire Beltrão (ORIENTADORA)

AGRADECIMENTOS.

Agradeço primeiramente a Deus por me dar forças, coragem, saúde e por ter me dado força nessa caminhada acadêmica.

Aos meus amados pais, pelo amor, dedicação e confiança.

A minha irmã e sobrinhas lindas pela presença em minha vida.

Ao meu amor André, por estar ao meu lado em todos os momentos, os difíceis e os alegres, me dando força.

As minhas amigas de faculdade pelos momentos de estudos e pela amizade durante esses quatro anos.

A minha orientadora Lícia Beltrão, pelos estudos, pela bibliografia recomendada e apoio na construção deste trabalho, sempre amável e dedicada.

“Redescobri assim aquilo que os escritores sempre souberam (e tantas vezes disseram): os livros falam de livros e toda história conta uma história já contada”.

Umberto Eco
Pós-escrito a O nome da rosa

RESUMO

Este estudo monográfico tem como finalidade identificar, através de uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo, se a diversidade literária está presente nas instituições escolares, espaços em que as crianças têm mais acesso à literatura. Com a pesquisa bibliográfica, percorri a literatura do mundo, passando pela literatura infantil produzida no Brasil. Levantei características da literatura e categorias para tratar da diversidade. Mostrei a relação da literatura com a escola, com a intenção de focalizar o tratamento dado à literatura infantil, na sua diversidade. A pesquisa de campo proporcionou uma aproximação com as instituições escolares escolhidas e a literatura presente nas instituições. Estudei uma amostra de livros. Os resultados mostram a presença de literatura na sua diversidade, nas instituições escolhidas. No entanto, precisam as instituições precisam dar acesso irrestrito às crianças no que diz respeito ao acervo que nela se encontra bem como atender a um outro critério, o legal que aponta para a presença da literatura africana e indígena na escola. Trazer a diversidade para o ambiente escolar permitindo teias de relação é questão fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: literatura infantil, diversidade, escola

Sumário

1 POR QUE A DIVERSIDADE?	07
2 ESCRITAS SOBRE A LITERATURA	17
2.1 LITERATURA INFANTIL NO MUNDO.....	17
2.2 LITERATURA INFANTIL NO BRASIL.....	19
2.3 LITERATURA INFANTIL E ESCOLA.....	23
3 ESCRITAS SOBRE A DIVERSIDADE	26
3.1 A DIVERSIDADE: ALGUMAS CONCEPÇÕES.....	26
3.2 OS GÊNEROS LITERÁRIOS.....	27
3.3 DIVERSIDADE: UM DIALOGO COM NELLY NOVAES COELHO.....	32
4 A ESCOLA COMO ESPAÇO PARA A DIVERSIDADE LITERÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	39
5 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS	50
REFERÊNCIAS	

1 POR QUE A DIVERSIDADE?

Existem fatores históricos que propiciaram a presença da Literatura nas escolas. A sua função, no que diz respeito à formação da criança, ainda é considerada. A relação entre as duas: literatura e formação da criança é nitidamente visível nas escolas. No parecer de Zilberman (2003, p.15), ao discutir sobre “A criança, o livro e a escola”, a aproximação entre a instituição e o gênero literário não é fortuita. Sintoma disso, diz ela, é que os textos escritos para crianças assumem marcante intuito educativo.

Quem visita escolas, logo percebe várias atividades produzidas na sala de aula relacionadas com a literatura. Essa consideração é ilustrada, com os recortes de textos que seguem:



“Os alunos aprendem mais quando tem a oportunidade de conviver com livros nas escolas. Ajudá-los a descobrir esse mundo divertido e enriquecedor”.

Ricardo Prado

Fonte: Revista Nova Escola, maio de 2003, p.55.



Acervo sobre rodas: no colégio Santo Antônio, os livros vão até a sala de aula.

Fonte: Revista Nova Escola, maio de 2005, p.28.

Neste sentido, o trabalho que incentiva a convivência dos alunos com a literatura nas escolas, segundo teóricos que colaboraram com a reportagem sobre o assunto, divulgada pela Revista Nova Escola, cujo exemplar foi referido, busca estreitar os laços entre a criança e o mundo que é produzido nos livros, através de fatores culturais, sociais e literários. Nessa direção, as relações que estabeleci, como estagiária do Curso de Pedagogia, com uma escola pública, uma particular e uma creche, todas situadas na cidade de Salvador, me ajudaram a perceber os livros de literatura como instrumento indispensável para o professor, no cotidiano de sua sala de aula.

Considero importante esclarecer o que compreendi como livros de literatura, já que, no decorrer de toda produção farei referência a eles. Tomando como base o debate trazido por Perissé (2006, p. 18), livro de literatura é aquele que abriga a palavra literária, ou seja, a palavra viva, vivificadora, provocadora, cheia de sentidos, humanizadora, criadora de vínculos. Em suma, palavras rebeldes. Nesse sentido, ainda conforme Perissé, a palavra /linguagem recebe novas ondas de vida por força do trabalho de escritores e poetas, amantes incondicionais das palavras.

Quanto aos livros de literatura que são construídos não somente com palavras, mas com imagens ou com imagens e palavras, considere o que a escritora Ângela Lago defende e é apresentado por Resende (1993, p.15), conforme segue transcrito:

Arquitetar um livro é arquitetar uma cidade [...] num livro de imagens é preciso virar a página como quem está conhecendo uma cidade e vira uma esquina para desvendar um novo campo visual. É por isso que, antes de se projetar cada desenho, se projeta o volume. Não se trata de pintar uma série de quadros. Há toda uma conjugação necessária, todo um ritmo, um movimento, uma tensão, uma direção que perpassa o trabalho como um todo. [...]

Ampliando a compreensão, já que quero considerar que um livro de imagens pode ser um livro de literatura, (combinado ou não com palavras), tomo as palavras de Resende (1993), quando diz que o livro de imagens revela que a expressão lingüística admite transfiguração para uma outra linguagem. As imagens se confundem com a produção estética, a ambigüidade se faz presente, a dimensão simbólica ultrapassa o plano verbal provocando estranhamento, emoção e suscitando questões.

Feito esclarecimento, prossigo: No caso particular da creche, acompanhei, numa razoável freqüência, a preparação das leituras para as crianças. Elas eram criadas de forma rica e cuidadosa pelas professoras. Resultado é que, de forma simples e, invariavelmente prazerosa, partilhavam o mundo do livro com as crianças. Os adereços - fantoches, dedoches - e instrumentos musicais - pandeiro, berimbau- relacionados à determinada história, proporcionavam à criança tanto o contato visual quanto o tátil, envolvendo-a no universo ficcional que retratava a obra.

Assistia a tudo, com entusiasmo e expectativa. Queria também assumir a preparação de leituras para partilhar com aquelas crianças.

A oportunidade parecia que, afinal, chegava. Ao cursar a disciplina “Leitura e Produção de Texto”, disciplina optativa do currículo do Curso de Pedagogia, ministrada pela Professora Lícia Beltrão, tive a oportunidade de me aproximar do mundo textual de um outro modo: pela via da intertextualidade¹, ou seja, pela via de textos, produtos de atividades discursivas, que se relacionam com outros textos e, assim, conhecer diferentes narrativas que abordavam uma mesma temática, sob pontos de vista diferenciados bem como diferentes gêneros textuais. Alcançava, afinal, a compreensão sobre a diversidade de outra ordem, a dos textos, questão abordada mais contemporaneamente na escola.

Durante uma unidade de ensino de Leitura e Produção de Texto, a cada aula, era possível um encontro com histórias que dialogavam com histórias. Tomo para exemplificar duas histórias: A Bela Borboleta e Chapeuzinho Amarelo. A Bela Borboleta, história escrita por Ziraldo, no ano de 1980, e ilustrada por Zélio, me permitiu que encontrasse com figuras das mais conhecidas da clássica Literatura Infantil: O Gato de Botas, Branca de Neve e os Sete Anões, Alice, a do País das Maravilhas, O Coelho do Relógio, o Patinho Feio, Peter Pan e o Príncipe Encantado e dialogasse com cada uma das histórias nas quais esses personagens vivem. Chapeuzinho Amarelo, história contada por Chico Buarque de Holanda, desde o ano de 1979, com a qual satiriza de maneira lúdica e inteligente o medo, me fez

¹ Noção originalmente tratada pela semiótica francesa Julia Kristeva e aqui referida na perspectiva de Cardoso (1999, p. 61)

reencontrar a *Chapeuzinho Vermelho*², de Charles Perrault, que vive desde o século XVII o peso da punição por ter transgredido as normas de conduta determinadas por sua mãe, representando o perfil da desobediência infantil.

Essas experiências motivaram outras. A escolha de “Pontos de Leitura”, de modo que, ao mesmo tempo de um dia de aula, todos os estudantes de Leitura e Produção de Textos se dispersassem, visando ao encontro com leitores infantis para com eles partilhar leituras por nós selecionadas, me fez retornar à creche da qual um dia fui estagiária. Ali, com a colaboração das demais colegas que faziam a composição de nossa equipe, fizemos o que um dia tanto quis: assumir a preparação de leituras para partilhar com aquelas crianças. *Brinquedos*, livro de imagens, da autoria do premiado escritor pernambucano André Neves, publicado em 2000, pela Editora Ave-Maria foi o selecionado. A narrativa, construída com a maestria dos traços e a leveza das cores do autor, gira em torno da existência de crianças ricas que desprezam seus brinquedos a ponto de jogá-los no lixo, e, no contra ponto, crianças pobres que catavam lixo e que, ao encontrarem esses brinquedos e recuperá-los, fizeram deles companheiros com quem brincam e sonham.

Na expectativa de promover uma leitura dos fatos narrados pela linguagem imagética, criamos uma dramatização. O ponto de partida, aproveitando o texto que se apresenta na quarta capa do livro foi perguntar: “Duas crianças recebem de presente uma boneca e um palhacinho. Qual será o destino dos dois brinquedos, triturados por um caminhão de lixo, largados em um lixão?” Vestidas como personagens da história, bonecas, meninas, meninos, pai, mãe, caminhoneiro, envolvidos com muitos brinquedos, mas, principalmente, com uma boneca e um palhacinho, contamos a HISTÓRIA, querendo encantar. As crianças de 1 a 3 anos ficaram admiradas. Ouviam e assistiam todas nós e liam a narrativa ao modo delas. Depois da “contação” da história, como tínhamos confeccionado vários brinquedos, juntamo-nos às crianças e nos divertimos bastante. Foi uma verdadeira festa! As crianças gostaram muito da história apresentada para elas de uma forma diferente e animada. Quiseram aproveitar o máximo a companhia daquelas personagens que saíram do livro e se tornaram brinquedos-vivos.

² Muito embora existam outras versões da história referida, como *Chapeuzinho Vermelho* de Braguinha, *Chapeuzinho Vermelho* de Raiva de Mário Prata, considerei na ilustração as duas versões que mais apreciei.

Essa experiência, somada às demais que resultaram das aulas de Leitura e Produção de Texto, me fez dar acentuada atenção às diferentes narrativas que compõem o mundo literário e me motivou ao debate sobre a literatura na perspectiva da diversidade e sua presença nas escolas. A atenção à sua presença na escola se deve ao fato de que, muitas vezes, a leitura de histórias é proporcionada para possibilitar às crianças o contato com um mundo imaginário ou real, contribuindo para as variadas formas de leituras, mas a diversidade como critério que oriente a composição do acervo de livros para bibliotecas de sala de aula e da escola não é intencionalmente considerada.

Há, nas instituições escolares, um grande acervo de Literatura. Essa afirmativa é feita com base no que leio, nas considerações sobre a pesquisa desenvolvida no GELING – Observatório de Leitura³, no depoimento de professores, bem como nas visitas às escolas. As escolas públicas, por exemplo, contam com o apoio do Ministério da Educação que vem, desde 1997, incentivando a prática da leitura e o acesso à cultura junto aos alunos, professores e comunidade em geral mediante a execução do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). O programa consiste na aquisição e na distribuição de obras de literatura brasileira e estrangeira, infanto-juvenil, de pesquisa, de referência, além de outros materiais de apoio a professores e alunos, como atlas, globos e mapas.

A partir de 2005, conforme li no documento do Ministério da Educação, a Secretaria de Educação Básica- SEB/MEC- retomou o atendimento às bibliotecas escolares, por meio da ampliação de seus acervos. Estão sendo beneficiadas todas as **136.934** escolas públicas brasileiras que oferecem as séries iniciais do Ensino Fundamental, 1^a à 4^a série ou 1^o ao 5^o ano, com pelo menos um acervo composto de 20 títulos diferentes. São selecionados e disponibilizados para escolha 15 acervos de 20 títulos cada. Os acervos são compostos de obras de mercado, de diferentes níveis de dificuldade, para que os alunos leitores tenham acesso a textos com autonomia de leitura e outros para serem lidos com a mediação dos professores.

³ Trata-se de um estudo sobre o acervo de literatura infanto-juvenil disponível em escolas da Rede Municipal de Ensino de Salvador-Bahia, considerando a formação do estudante leitor em pelo menos três instâncias discursivas: a escola, a sala de aula e o ambiente familiar do aluno e a implicação do professor com essa formação, realizado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem – GELING, FAGED/UFBA

Poesias, quadras, parlendas, cantigas, contos, crônicas, teatro, textos de tradição popular, mitologia, lendas, fábulas, apólogos.

Existe uma avaliação diagnóstica do programa para se informar sobre o que vem sendo feito com os livros encaminhados às escolas e o “impacto do programa”. Os livros vêm acompanhados do selo do PNBE.

Para ilustrar o acervo, segue uma relação de títulos encaminhados para as escolas, neste ano de 2008.

Educação Infantil⁴

Livros:	Autores:
Que bicho Mordeu	Leonardo Antunes Cunha
Beijo de Sol	Celso Sisto Silva
O presente que veio do céu	Regina Coeli Rennó
A Bela Borboleta	Ziraldo Alves Pinto
O Batalhão das Letras	Mario de Miranda Quintana
Saco de Brinquedo	Carlos Marino Silva Urbim
Quando isto Vira Aquilo	José Augusto Brandão Lins
Ritinha Bonitinha	Eva Furnari
Asa de Papel	Marcelo Moreira Xavier
Dia de Chuva	Ana Maria Martins Machado
Vira Bicho!	Luciano Trigo Teixeira
Como Gente Grande	Anouk Ricard

⁴ Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/2008_educ_infantil.pdf

Educação Fundamental⁵

Livros:	Autores:
Chuva de Manga	James Rumford
João e Maria de Barro	Luiz Antunes Cunha
A Menina na Varanda	Leonardo Antunes Cunha
O Vestido Luminoso da Princesa	Ivan Ângelo
As coisas que a Gente Fala	Ruth Rocha
Ana Vaivém	Mariana Goron Tasca e Valéria Batista
O Sino que queria Voar	Luiz Antônio Aguiar
Brincadeiras	Kátia Canton
Contos de Animais do Mundo Todo	Naomi Adler
A Moça Tecelã	Marina Colasanti
Patativa do Assaré: o poeta passarinho	Fabiana dos Santos
O Sapato que Miava	Sylvia Orthof

As escolas particulares, que não são contempladas com o programa de PNBE, que tem o intuito de diversificar as “fontes de informação” que são utilizadas nas escolas públicas do ensino fundamental no Brasil, adquirem, de modo geral, todos os anos exemplares solicitados às editoras. Pude constatar também, que os livros apresentados em uma escola não são iguais aos de outra. E ao mesmo pude perceber a existência, em sua grande maioria, de livros que são encontrados em todas as escolas, como “A Bela Adormecida”, “Chapeuzinho Vermelho”, livros clássicos e que já fazem parte há muito tempo da literatura a qual a criança tem acesso.

Ainda hoje, no século XXI, estão em discussão os critérios de seleção da literatura na escola: se a seleção é realizada pelos professores através das suas escolhas pessoais, ou se a seleção é feita por faixa etária dos leitores, ou ainda se a seleção é feita em decorrência de programas que divulgam obras para fins educacionais. Pensando na literatura como algo palpável, que pode ser considerada como instrumento de formação dos valores culturais e formação social, é interessante compreender como o acervo literário chega até a escola, já que existem

⁵ Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/2008_ensino_fundamental.pdf

várias narrativas produzidas por escritores, assumidas por editoras, à espera de leitores e nem todas chegam até a escola.

Ao constatar crianças retratando e analisando as histórias que são lidas para elas, percebo a importância da literatura para ampliação do seu conhecimento de mundo e para criar seu mundo imaginário. Como exemplo, conto que dialoguei com uma criança que, após ouvir a história que segue me disse assim: “Sheila, sabia que abrir a barriga dos outros é feio e não se pode fazer isso não porque machuca?”. A história foi esta:

“Certo dia, a mãe do ratinho, a galinha, foi trabalhar e deixou-o na companhia de seu irmão e de seu pai, o galo que, naquele momento, dormia. Se você está estranhando explico: o ratinho era órfão, por isso foi adotado pela galinha. O fato é que, de repente, apareceu uma raposa e engoliu o galo. Os irmãos aflitos foram buscar a mãe. Juntos fizeram uma armadilha para a raposa, depois abriram a barriga da raposa, salvando o galo”.

Reação desse tipo me faz considerar o importante papel tanto do professor quanto da escola para assegurar o “reconhecimento das diferenças” em que a cultura esteja representada tanto na sua singularidade quanto na pluralidade. A literatura, por conter diferentes gêneros, favorece a diversidade dos gostos das crianças. Nesta perspectiva, é que entendemos que “os gostos não são sucessivos, mas dependentes, envolvendo as histórias de leituras do leitor, do texto e da época), [...]” (MAGNANI, 2001, p.137).

Complementando a idéia da diversidade, como possibilidade, cito o que diz, (Barthes 1971 *apud* PAULINO, 2000, p.40) :

Inúmeras são as narrativas do mundo. Há em primeiro lugar uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela imagem, fixa ou imóvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas essas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopéia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura [...] Além disso, sob essas formas quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; [...] A narrativa está aí, com a vida.

Partindo do princípio de que existem as formas mais variadas de narrativas, resultando na diversidade de livros literários aos quais uma criança pode ter acesso,

é importante entender e verificar se a escola favorece e apresenta às crianças o mundo literário, nessa perspectiva, a da diversidade. Nesse sentido, a diversidade em si já daria conta, do ponto de vista escolar, a um dos aspetos que vitalizam a escola: a renovação, através de diferentes narrativas, considerando argumento, lugar e época que configuram as histórias. Por outro lado, a diversidade traria para os leitores aquilo que digo, através de Magnani (2001):

Evitar a trivialização no trabalho com a literatura é procurar na *diversidade* (de enredos, procedimentos narrativos, gêneros, linguagens, autores e métodos) romper com a limitação do totalmente conhecido e levar o leitor, através da luta pela busca de significados, a ampliar seus horizontes. (MAGNANI, 2001, p. 138)

É atenta à literatura na perspectiva da diversidade que realizei o estudo monográfico que, agora, apresento. Objetivei levantar aspetos da produção literária que representam a diversidade, caracterizando-a, e identificar se a literatura na perspectiva da diversidade está presente na escola, sob forma de escolha intencional dos professores que com ela lidam no seu cotidiano. Para tanto, fiz dois percursos: o que me proporcionou acesso à literatura que debate sobre a literatura e o que me proporcionou acesso àquelas instituições nas quais realizei estágio do Curso de Pedagogia e que me motivaram para a realização deste estudo.

Com o acesso à literatura que debate sobre a literatura, construí um corpo teórico, dialogando com pesquisadores da questão, buscando, principalmente, identificar aspetos presentes na produção literária que colaboram para a compreensão sobre o que constitui a diversidade, quando o que abordamos é a literatura. Com o acesso às instituições escolares, colhi, através de diálogo com professoras e, através do acesso ao acervo de livros literários nelas contidos, informações com as quais pude responder se a literatura, na perspectiva da diversidade, está presente na escola, sob forma de escolha intencional dos professores que com ela lidam no seu cotidiano.

Tudo isso que agora explico está organizado na forma de textos que constituem os cinco capítulos deste estudo monográfico. Através das minhas primeiras experiências nos estágios, nas aulas de Leitura e Produção de Textos e, começando a discorrer no diálogo com alguns estudiosos da literatura e diversidade, compus este capítulo, o primeiro.

No segundo capítulo, Escritas sobre a literatura infantil, no mundo e no Brasil, enfatizando o surgimento da literatura infantil, além disso, a relação entre literatura e escola, enfatizando a presença do texto literário e na importância que tinha esses textos nas escolas.

Chegando ao terceiro capítulo, trago primeiramente, as variadas concepções dos autores Abreu e Magnani sobre a importância da diversidade de narrativas como relevante para a formação dos gostos das crianças e o acesso da escola para utilizar determinadas literaturas. Continuando esse capítulo, um passeio pelos gêneros como a fábula, apólogo, contos, folclore e poesia. Além disso, um diálogo com Coelho através dos anos para perceber a transformação da literatura com o passar do tempo.

Apresento no quarto capítulo deste trabalho, as informações e narrativas colhidas nas observações feitas nas escolas, na tentativa de mostrar de forma direta ou indireta a relação da escola com a diversidade literária, mencionada nos capítulos anteriores, proporcionando a análise dessas narrativas, considerando as diferentes formas literárias.

Por fim, no quinto capítulo, apresento minhas considerações conclusivas relacionadas às leituras que utilizei de base para compor este trabalho, tentando responder às questões que objetivei na minha pesquisa, em relação à possibilidade de haver um acervo da literatura infantil nas escolas que revele sua diversidade.

Passemos, então, às leituras.

2. ESCRITAS SOBRE A LITERATURA

“Ela é livro, ela é leitura.
 Ela é imagem e ela é texto.
 Ela é social ou mesmo imaginária.
 Ela é aposta. Ela questiona.
 Ela diz ou não diz.
 Ela é complexa.
 Ela é jogo ou mesmo linguagem.
 Canalizada, institucionalizada,
 Ela pode ser magia e tornar-se ‘selvagem’.
 Lugar do discurso, censura ou representação.
 Ela reflete.
 Prazer ou desprazer, ela é emoção.

Ela é arte. Ela é literatura.
 Porque ela é sonho ou experiência,
 Porque ela é comunicação”.
Denise Escarpit e Mireille Vagné-Lebas

2.1 LITERATURA INFANTIL NO MUNDO

A narrativa de Coelho (1991) sobre a literatura infantil nos faz conhecer a sua situação no mundo. Segundo ela, no século XVII surgem obras literárias direcionadas ao público infantil que têm a fantasia e imaginação como apoio para criar histórias. Daquele até este século, XXI, continuam conhecidos como grandes autores da Literatura infantil: Jean La Fontaine, Charles Perrault, Mme.D’Aulnoy e Fénelon, entre outros. Sobre eles seguem algumas considerações, conforme Coelho (1991):

Jean La Fontaine, escritor francês, trouxe para a Literatura, em geral, a *Fábula*, conhecida tanto por adultos como por crianças. La Fontaine primeiramente utilizou sua escrita para adultos, porém atualmente as suas fábulas são lidas pelas crianças de todo o mundo. Dentre suas Fábulas mais conhecidas estão *A raposa e o Esquilo*, *O Lobo e o Cordeiro* e *O Galo e a Raposa*. Opto por trazer, com fins de ilustração, a narração da fábula *O Galo e a Raposa*, em fragmentos:

A raposa passeava pelos campos à procura de alguma coisa para colocar entre os dentes, quando viu no galho mais alto de um carvalho um

magnífico galo: o mais requintado almoço que a raposa possa desejar. Mas aquele galho era tão alto [...] ⁶

Outro nome bem conhecido na Literatura infantil é **Charles Perrault**, é quase impossível falar de literatura para crianças e não citar as obras dele. Os contos da Mãe Gansa foram escritos na época que não existia o modelo de literatura infantil. Com o tempo, esta obra foi direcionada para leituras das crianças. Outras histórias de Perrault são bem conhecidas, como diz Coelho (1991.p.85) “... estórias⁷ que fazem parte da vida de toda criança, mesmo antes de aprenderem a ler...”. São elas, *A Bela Adormecida*, *O Gato de Botas*, *A Gata Borralheira*, *O Pequeno Polegar*, *Cinderela* e *Chapeuzinho Vermelho*. Opto por trazer a narração do conto *A Gata Borralheira* em fragmentos, com o mesmo fim já referido:

[...] Logo depois de realizado o casamento, o mal gênio da mulher mostrou –se, pois não podia suportar as boas qualidades da enteada, visto como essas boas qualidades ainda mais realçavam a ruindade das suas filhas. Em vista disso pôs em cima da coitadinha os mais grosseiros serviços da casa [...] ⁸

Mme. D’ Aulnoy publica seus contos na mesma época de Perrault, colocando na “moda” os contos de fadas. Entre 1696 e 1698 publica contos de fadas que são: Novos contos de fadas e Ilustres fadas, livros que lançam histórias conhecidas atualmente como: *O Pássaro Azul*, *A Princesa dos Cabelos de Ouro* e *O Ramo de Ouro*.

Fénelon se tornou um grande escritor para crianças, e as idéias pedagógicas defendidas possibilitaram a produção de uma literatura, visando à “formação do caráter” do educando. Ficou conhecido também por se preocupar com a “educação das meninas”, quando escreveu *Tratado da Educação das Meninas*. Mas sua principal obra é *As Aventuras de Telêmaco*, uma novela pedagógica que liga *conhecimento do passado às imposições do presente*.

Passando para o século seguinte, XIX, encontramos outros autores importantes que também são referência na Literatura infantil. São eles: Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen.

⁶ SOARES, Maria Cristina Marcondes. As mais lindas fábulas De La Fontaine. São Paulo: Rideel, 1991.

⁷ Mantive a grafia usada por Coelho na obra consultada.

⁸ LOBATO, Monteiro. Perrault: contos de fadas. 8. ed. Brasiliense, 1960.

Os **irmãos Grimm** fizeram uma pesquisa das antigas narrativas e lendas que estavam contidas na “memória popular”. Com isso, “buscando encontrar as origens da realidade histórica “nacional”, os pesquisadores encontraram a fantasia, o fantástico, o mítico... e uma grande Literatura infantil surge para encantar crianças do mundo todo”. (COELHO, 1991.p.140). Essas pesquisas resultam no volume *Contos de Fadas para Crianças e Adultos* e como títulos desta obra: *Branca de Neve e Rosa Vermelha, A Casa e o Bosque, A Dama e o Leão, A Bela Adormecida*. Opto por trazer a narração do conto *O Gato de Botas* em fragmentos, com o mesmo fim já referido:

Era uma vez um moleiro muito pobre. Tudo o que possuía, além dos três filhos, era um moinho, um burro e um gato. Os filhos ajudavam no moinho, o burro ia buscar grãos de trigo e levar farinha. O gato caçava ratos [...] ⁹

E por fim, **Andersen**, com suas histórias diretamente relacionadas ao cotidiano, ele escreveu de forma “simples”, expressando mais as “emoções do coração” do que do “intelecto”. Suas obras estão representadas em: *O Patinho Feio, João e Maria, O Soldadinho de Chumbo, Os Sapatinhos Vermelhos, João Grande e João Pequeno, O Homem da Neve, A Rainha da neve, Os Cisnes Selvagem*. Opto por trazer a narração de *O Patinho Feio*, em fragmentos:

[...] Estava deitada sobre os ovos. Precisava chocá-los até que os patinhos saíssem, mas já estava cansada de ficar ali tanto tempo. Estava ficando aborrecida, pois nem visitas ela recebia.

2.2 LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

Sobre as narrativas referentes a literatura infantil no Brasil, várias colegas do curso de Pedagogia da UFBA já apresentaram, em monografias de conclusão de curso escritas importantes. Entre os trabalhos monográficos e autoras consultadas, destaco Fabiana Rodrigues. Vale, portanto essa narração considerando a

⁹ PENTEADO, Maria Heloisa Penteado. Contos de Grimm. 4. ed. São Paulo: Ática, 1992.

contribuição que elas também trazem nos seus estudos. Em vista disso, não apresentarei “novidades” a respeito do assunto.

Conforme Lajolo e Zilberman, diante das transformações ocorridas no Brasil entre 1890 e 1920 através da modernização e urbanização do país, surge a necessidade de uma relação da população com a Literatura, em especial a Literatura infantil. O consumo dos livros é voltado à escolarização e cultura na medida em que grupos compostos na sociedade tentam identificar seus valores, no caso da burguesia, diferenciando dos outros grupos que são de núcleos mais humildes do Brasil.

A literatura infantil ganha, nessa época, grande valorização e incentivo já que a nova conjuntura da sociedade favorece aos bens culturais e o saber além de adquirir grande valor no novo quadro social que está sendo adotado. No Brasil fica sendo um fator importante para formação da criança. Com isso, surge a preocupação com os materiais adequados para leitura das crianças, já que faltam produções relacionadas diretamente para o público infantil.

Consideradas essas preocupações professores, jornalistas e intelectuais produziram livros infantis para serem aplicados nas escolas. Assim, “preservar as relações entre a literatura e a escola, ou o uso do livro em sala de aula decorre do fato de que ambas compartilham um espaço em comum: a natureza formativa.” (ZILBERMAN, 1998,p.21).

Essa concepção justifica a importância da leitura para formação da criança pensada como futuro cidadão, além de estimular o interesse de autores para a produção dos livros para a infância. A experiência da literatura primeiramente dar em meio escolar em que a relação literatura e escola estão conectadas com a mesma finalidade: a “inteligência, e o saber”.

Em decorrência da solicitação de obras literárias para criança, surgem as produções de livros traduzidos e adaptados para o público brasileiro. Alguns autores brasileiros como Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel se dedicam a essa prática, traduzindo obras como as de Perrault e Andersen.

Com isso também surge a idéia de se fazer livros, fortalecendo o patriotismo e o civismo, considerando-se que escritores da Europa escreveram várias obras relacionadas a esse tema. As adaptações européias chegavam ao nosso país

através de Portugal, com escritas longe da língua materna que os leitores brasileiros costumavam ouvir, trazendo a idéia que aqui já foi ressaltada sobre a literatura como projeto educativo, entre os livros infantis e a escola.

Simultaneamente ao aumento de traduções e adaptações de livros literários para o público infanto-juvenil, começa a si firmar, no Brasil, a consciência de que a literatura própria, que valorizasse o nacional, se fazia urgente para a criança e para a juventude brasileiras (COELHO, 1991. p.204).

Várias publicações foram feitas a partir de uma literatura relacionada ao civismo e patriotismo em função de uma leitura escolar. Estava surgindo, então, um modelo de leitura que retratava as diferentes culturas que o Brasil constituía e oportunizando o conhecimento sobre as diferentes paisagens, costumes e as riquezas das regiões do país. Uma obra que demonstra nitidamente essa valorização nacional e, ao mesmo tempo faz da leitura escolar um ambiente de leitura de civismo e patriotismo, é o livro *Através do Brasil* de Olavo Bilac e Manuel Bonfim.

A linguagem era outro fator de preocupação em função de um modelo de literatura para as crianças. Nesse sentido, além dos exemplos de valores e atitudes que são meramente desenvolvidos na literatura para a interiorização da criança, a linguagem também ganha essa função de modelo culto da língua.

Em decorrência dos diversos fatos que desencadearam nestes períodos para o fortalecimento da literatura infantil brasileira, as produções foram surgindo, em várias formas de expressões, com autores que trouxeram obras que são marco da literatura infantil.

O crescimento das produções para as crianças está relacionado aos escritores que vêem o mercado livreiro como grande incentivador das publicações dos livros. Esse quadro é em resultado do aumento da escolarização, visto que, com a urbanização, a escola tem um papel de crescimento intelectual e responsabilidade pela posição que a literatura assume na sociedade brasileira.

A diversidade de obras e textos para a literatura das crianças, a partir 1920, envolve um grande escritor: Monteiro Lobato. Esse escritor se celebrou pelas produções para um público leitor alvo que é a criança. Foi ele o escritor que possibilitou o fortalecimento da Literatura infantil nesse período. *A menina do*

narizinho arrebitado, livro publicado por Lobato, foi adotada pelas escolas primárias, já que essa obra continha uma narrativa que interessava às crianças. A partir desta publicação, Monteiro Lobato investe na literatura voltada para as crianças.

Além de Lobato, outros escritores trazem diferentes tipos de histórias, logo de leituras. Estão incluídos Baltazar Godói, Érico Veríssimo, Ofélia Fontes, Viriato Corrêa, Narbal Fontes, Vicente Guimarães, Graciliano Ramos, Carlos Lebeis, Malba Tahan e Gondim da Fonseca. Esses escritores começaram a escrever para crianças nos anos 30 e com isso estão incluídos no acervo literário brasileiro. Com essa variedade de autores, surgem as diferenças de produções e narrativas vinculadas aos interesses dos leitores. Nesse sentido, Coelho (1991, p.241) argumenta que existem

Narrativas de *pura fantasia* (na lista dos clássicos contos maravilhosos); as da *realidade cotidiana* (registrando experiências do dia-a-dia, em casa na escola ou em férias, bem familiares à criança); as da *realidade histórica* (exaltando a terra brasileira, episódios nacionais ou brasileiros notáveis...); as da *realidade mítica* (redescobrimo figuras ou lendas folclóricas); e as do *realismo "maravilhoso"* (mostrando o "maravilhoso" como elemento integrante do Real, tal como o fazia Lobato).

Nos anos seguintes, continuam as variedades de publicações, a Literatura não deixou de ter uma relação com o ensino, servindo de exemplo para os que estão lendo.

A criatividade dos escritores da Literatura infantil do Brasil colabora para que muitos fiquem conhecidos no mundo com suas produções. Lygia Bojunga Nunes, que é um caso, ganha um prêmio pelo conjunto de sua obra. Muitos escritores se consolidam pela sua "criatividade e consciência crítica". Esse fato motiva também para que vários escritores experimentem novas formas de fazer Literatura, que seja questionadora, colocando em evidência as relações entre a criança e o mundo em que ela vive. Nesse sentido, a obra de Ana Maria Machado pode ser considerada como um exemplo. Carvalho 2004, ao estudar "A emancipação do sujeito infantil pela discursividade do delírio em *Bisa, Bia, Bisa Bel*, diz:

Ana Maria destaca-se entre os grandes nomes da literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea como uma autora de histórias originais e inovadoras que mesclam realidade e fantasia, ao mesmo tempo que revelam uma grande crítica a tudo aquilo que represente desmando, opressão e desrespeito à liberdades individuais e coletivas. De forma

fantástica e lúdica ela trabalha com a realidade cotidiana das crianças e jovens de modo a revelar a complexidade da existência humana e da organização familiar e social, rompendo assim com um modelo de história para a infância que nega a dialética das relações humanas e enfatiza apenas o lado bom, belo e verdadeiro da vida [...] (CARVALHO, 2004, p.67)

Assim é que, no parecer de Coelho, “as novas forças estimulam os criadores a preparar as novas gerações para a estruturação/construção de um novo mundo...” (COELHO, 1991.p.259).

2.3 LITERATURA INFANTIL E ESCOLA

A escola, desde os séculos XVIII e XIX, tinha como companhia para sua expansão a burguesia em que se responsabilizada pela estruturação da Educação e atividades pedagógicas contidas na escola, fortalecendo assim o papel da escola de proteger a criança, ao mesmo tempo em que a preparava para o mundo. Com isso, Zilberman (1998) enfatiza que a criança adquiriu conhecimento através da escola a partir dos princípios dos adultos de uma classe dominante, que é a burguesia.

A literatura infantil também passa pelo mesmo processo de transmitir um “ensinamento” com referencial de adulto, desconsiderando muitas vezes os interesses e gosto da criança e jovens. Neste sentido, Zilberman (1998, p.20) nos diz:

[...] a obra literária pode reproduzir o mundo adulto: seja através da atuação de um narrador que bloqueia ou censura a ação de personagens infantis; seja através da veiculação de conceitos e padrões comportamentais que estejam em consonância com os valores sociais prediletos [...].

Essa concepção pode vigorar, quando acontecer de a introdução do livro na escola recair na perspectiva de que a criança seja atraída pela imagem que a sociedade almeja para sua formação. Em contrapartida, para Zilberman, o professor pode ser visto na sala de aula não apenas como aquele que ensina a criança a ler e pronto, e sim como aquele que ensina os seus alunos a compreender o texto diante dele, estimulando a compreensão do tema e dos indivíduos que compõem a história,

aflorando assim um leitor crítico, podendo refletir sobre o livro de forma “autônoma” e “crítica”.

Chegando ao século XX, precisamente no ano de 1971, ocorre a implementação da Lei da Reforma do Ensino a de nº 5.692/71. Segundo Coelho (1991), essa Lei, que trazia a proposta da “democratização do ensino”, anunciando que todos os brasileiros teriam acesso à Educação, também fundamentou a importância da implantação da *leitura de textos literários* nas escolas. A Lei enfatizou como proposta a utilização do livro didático, portador de textos, literários principalmente, atividades de leitura e escrita, ou seja, o livro era composto de todos os aspectos principais referentes ao ensino da Língua Portuguesa que o professor iria usar em sala. Enfim, a Lei trazia esse propósito. Para favorecer essa idéia, cito o que Magnani extraiu da Revista Veja:

Basta dizer que, hoje, ao atingir o fim do ginásio, um só aluno terá um acervo acumulado não inferior a 50 livros; e este número baixará facilmente para 15 ou 20, no máximo, quando se estrutur e desenvolva a escolarização de 1º grau segundo aqui a orientação preconizada, como aplicação direta da Lei 5.692. (Revista Veja, 1986 *apud* MAGNANI 2001, p.57).

Através disso, cresce a procura no mercado por esses livros didáticos e com isso as editoras produzem esse material para se enquadrar na Lei. Cabe ao professor, de uma forma democrática escolher os títulos que são selecionados pelas editoras e passados em forma de catálogo ou listagem encaminhada à escola. Comenta Magnani: “num país com tamanhas dimensões, as editoras que conseguem maior penetração entre os professores têm seus livros como *best-sellers* escolares”. (MAGNANI, 2001.p.58).

Com essas escolhas, determinados livros ficam sendo mais usados nas escolas por que já se tornaram conhecidos dos professores e por que são disponibilizados facilmente e gratuitamente, favorecendo assim o uso muitas vezes dos mesmos títulos nas escolas.

Neste sentido, Magnani enfatiza que o educador pode romper com as normas que são estabelecidas como uma quantidade de leituras, e apresentar uma *interferência crítica*, resultando assim, na problematização do conhecido,

“transformando- o num desafio que propicie a mobilidade”. Com isso, ainda Magnani (2001.p.136) afirma:

Passando obrigatoriamente pela concepção de escola e de sociedade que queremos, a formação do leitor envolve também a *diversidade* como princípio norteador dos critérios de seleção e utilização dos textos e da reflexão sobre a formação do gosto das pessoas-alunos, não só para vir-a-ser, mas também para um *aqui* e *agora*, principalmente político. [grifos da autora, Magnani]

Sobre as questões relacionadas à diversidade que o próximo capítulo se apresentará, trazendo vários autores escolhidos para tratar de informações sobre o assunto com levantamento bibliográfico significativo.

3 ESCRITAS SOBRE A DIVERSIDADE.

“... a particular beleza de um estilo
está na força de expressão livre,
vária, ousada, figurada, que não define
abstratamente o objeto...
mas lhe suscita a imagem”.

Haroldo de campo

3.1 A DIVERSIDADE: ALGUMAS CONCEPÇÕES

No passado, nos séculos anteriores ao século XIX, eram pequenas as diferentes leituras feitas pelas pessoas. Como o livro era disponibilizado em pequena escala, além dos preços elevados, a população tinha pouco acesso à diversidade de livros, por isso, liam pouco e liam, com frequência, a mesma obra. Citando Chartier (1998), Abreu diz que “a leitura, além de uma história, tem uma sociologia”, significando que as variadas formas de leitura dependem das diferentes classes sociais, regionais e étnicas.

No século XIX, começava a surgir a idéia de que o “bom leitor” era aquele que lia muitos e variados livros. Para Abreu (2000), a diversidade se constitui do ato de ler, em que a leitura é presidida pelo “signo da diversidade”, considerando todas as relações com o que está escrito, por diferentes grupos culturais.

Direcionando a discussão para os textos narrativos utilizados nas escolas, é notória a preocupação de alguns pesquisadores, como Abreu e Magnani sobre a seleção dos livros para uso nesse contexto. Para Abreu (2000), a escola seleciona algumas obras no meio de várias outras narrativas e apresenta às crianças como a literatura que será utilizada pela escola, “desqualificando” as outras literaturas, não explicando qual o processo de escolha das obras que, modo geral, representam o “cânone literário”.

Magnani (2001) enfatiza que a formação do leitor requera diversidade. Assim, a seleção das narrativas não pode estar ligada apenas a um processo político, e, sim, levar em conta os gostos das crianças, considerando que os gostos não são

iguais e que envolvem as histórias de leitura de cada criança. Neste sentido, a criança transcende a si mesma e a seus retratos anteriores em busca de um “progresso” que está sempre se modificando para sua satisfação em cada “obstáculo”.

[...] o trabalho com a leitura da literatura tem de levar em conta essa luta da criança e do jovem inserida na luta de linguagens e códigos, problematizando a noção de carência geradora de um “infantilismo pedagógico”, bem como repensar a formação do leitor, deslocando o impasse entre adequação demagógica ou imposição retórica para o problema da superação crítica e histórica do gosto, através de uma “pedagogia da exigência”, como propõe Gramsci. (MAGNANI, 2001, p.137)

De acordo ainda com Magnani (2001), a seleção das narrativas com toda a sua diversidade podem ocorrer de forma a considerar os gostos das crianças bem como se valorizando obras, autores e gêneros que fazem parte da construção das diferentes literaturas.

Diante disso, Cosson (2006, p. 35) nos diz:

As obras precisam ser diversificadas por que cada um traz apenas um olhar, uma perspectiva, um modo de ver e de representar o mundo [...], a literatura na escola precisaria de obras, gêneros e autores diversificados porque o importante é acumulá-los em um painel tanto mais amplo quanto mais vazio de significado.

Com o intuito de demonstrar a diversidade, caracterizando-a, do ponto de vista de obras, gêneros e autores, explicitarei os gêneros literários que enriquecem, com as diferentes narrativas, a literatura infantil, de um modo geral.

3.2 OS GÊNEROS LITERÁRIOS¹⁰

A Literatura Infantil é composta de gêneros, gêneros que transformam as narrativas em encantadoras leituras, levando o leitor a conhecer diferentes mundos imaginários, demonstrando culturalmente toda a diversidade que a literatura abarca

¹⁰ Coelho (2000) utiliza o parecer: “A literatura infantil: gênero ou forma”? Optei em trazer o termo gêneros para composição desse capítulo.

e pode proporcionar ao leitor. A partir disso vamos destacar alguns gêneros literários:

A Fábula é uma narrativa em que animais assumem características humanas e que transmite uma determinada moralidade. A partir do século XIX, racionalismo faz a ligação entre as formas literárias e a fábula, em que a transfiguração do homem em animal diverte os leitores e sempre utiliza no final da história uma moral.

Trazendo como exemplo o prefácio da primeira coletânea das fábulas De La Fontaine, em 1668, em que as histórias ERAM ESCRITAS para as crianças da corte.

Sirvo- me de animais para instruir os homens. [...]
 Procuo tornar o vício ridículo,
 Por não poder atacá-lo com o braço de Hércules. [...]
 Algumas vezes oponho, através de uma dupla imagem,
 O vício à virtude, a tolice ao bom senso. [...]
 Nessa espécie de fingimento, é preciso instruir e agradar
 Pois contar por contar, me parece coisa de pouca monta.
 (Coelho, 2000. p. 166)

Por isso Coelho (2000, p.166) argumenta que “a peculiaridade que distingue a fábula das demais espécies metafóricas ou simbólicas é a *presença do animal*, colocado em uma situação humana e exemplar”.

É nesse sentido que diversas fábulas têm o propósito de estabelecer relações simbólicas: o leão demonstra força, poder, majestade, e a raposa demonstram astúcia, por exemplo.

O Apólogo caracteriza-se por ser uma narrativa que enfatiza uma situação de vida por “seres inanimados”, seres que não têm vida animal nem humana, atingindo dessa forma uma vida metaforizada. Tomando como exemplo tem-se: “O Carvalho e a Cana” de La Fontaine. Na história, há utilização de elementos da natureza e objetos que contracenam, dialogando.

Em relação ao **conto**, na literatura infantil, destacarei as duas narrativas maravilhosas que compõem os contos, que são: Contos de fadas e Contos maravilhosos. Essas narrativas dão “expressão a problemáticas” bem diferentes mas que estão ligadas por pertencerem ao “mundo do maravilhoso”.

Nos contos de fadas, nem sempre existe a presença das fadas, mas existe, geralmente, um herói ou heroína que realiza a função de resolver problemas

contidos na história, cujo desfecho se expressa na união de um homem com uma mulher. Sobre o assunto, Coelho (1991, p.13) enfatiza:

Com ou sem a presença de fadas (mas sempre com o maravilhoso), seus argumentos desenvolvem-se dentro da magia feérica (reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida etc.) e têm como eixo gerador uma *problemática existencial*.

Neste sentido, o herói ou heroína da história passam por situações difíceis, como encarar “obstáculos” a serem vencidos, possibilitando a realização do próprio personagem ou um encontro com a *princesa*. As histórias como “A Bela Adormecida”, “A Bela e a Fera”, “Rapunzel,” como retratadas se situam entre as narrativas dos contos de fadas.

Apesar de as fadas e gênios, personagens cotidianos dos contos de fadas, fazerem parte de um mundo imaginário, existem aspectos de realidade como: as qualidades que compõe o personagem são humanas e os animais, apesar de não falarem, nas histórias o que falam deles são “tradução de atitudes e linguagens”. Assim, “são símbolos ou situações reais, dentro de um irrealismo estético-educativo”. (CARVALHO, 1982, p. 56).

As fadas são apresentadas sob forma de figura feminina, com poderes sobrenaturais e virtudes, interferindo na realização de situações difíceis dos personagens principais que precisam de soluções importantes para resolver algum problema. Ainda pode encarnar um personagem mal, como a bruxa, figura comum nos contos de fadas. Por isso, Coelho (1991, p.32) diz “se há personagem que, apesar do correr dos tempos e da mudança de costumes, continua mantendo seu poder de atração sobre adultos e crianças, essa é a fada”.

Neste sentido, “as fadas são de alto valor cultural, pela beleza, que cultiva a emoção; pelo otimismo e a força de querer realizar; pela vitória do bem”. (CARVALHO, 1982, p.56).

Os contos maravilhosos têm, como companhia, toda a magia e encantamento dos animais falantes, objetos mágicos, gênios, duendes que fazem parte dessa narrativa maravilhosa. Nessas histórias, existe o desejo de “auto-realização” do herói ou anti-herói que buscam riquezas e bens, demonstrando assim

como componente da história a “problemática social”. Como afirma Coelho (1991, p. 14)

[...] e tem como eixo gerador uma problemática social (ou ligada a vida prática, concreta). Ou melhor, trata-se sempre do desejo de auto-realização do herói (anti-herói) no âmbito socioeconômico, através da conquista de bens, riqueza, poder material etc. geralmente, a *miséria* ou a *necessidade de sobrevivência* física é o ponto de partida para as aventuras da busca.

Esses contos podem ser representados por: *O Gato de Botas*, *O Pescador e O Gênio*, *Aladim e a Lâmpada maravilhosa*, *As Mil e Uma Noites*, *Ali Babá e os Quarentas Ladrões*. Tomamos como exemplo um trecho do conto *O Gato de Botas*, que enfatiza a citação de Nelly em relação a contos maravilhosos:

Dos haveres do meu pai, quem ficou com a pior parte fui eu! Meu irmão mais velho pode fazer farinha, meu segundo irmão tem burrico e não precisa andar a pé. E eu? O que eu faço com um gato? Tiro a pele dele, mando fazer um par de luvas e acabou- se!

- Ouça- disse o gato, que entendeu tudo o que ele disse.

- Não precisa me matar para fazer um horrível par de luvas. Em vez disso, mande fazer um par de botas para mim.

Então, vou poder andar entre os homens, e você verá como poderei ajudá-lo.¹¹

O Folclore, segundo Carvalho (1982, p.30), transmite “conhecimento das tradições de um povo e tudo que caracteriza uma região, suas implicações no tempo e no espaço”. Com isso torna possível conhecermos diversas manifestações culturais que cada região representa.

A existência de uma variedade de representação folclórica no Brasil enriquece o nosso conhecimento sobre as contribuições das raças e as diferentes de expressões da criação humana, existentes no nosso país.

No nosso acervo cultural, temos o que historicamente pesquisadores vêm coletando como lendas, contos populares (de medo, quebranto, encantamento, alumbramento), parlendas, quadras, adivinhas, frases feitas. Apresento como exemplo de narrativas que se incluem na categoria conto, *A lenda da Vitória - Régia*, *A Iara*, *O Lobisomem*, *O Curupira*, *A mula sem Cabeça*, *O Negrinho do Pastoreio*, *O*

¹¹ PENTEADO, Maria Heloisa Penteado. Contos de Grimm. 4. ed. São Paulo: Ática, 1992.

Saci, Origem das Estrelas, O peixe dourado, A história do Teiú. No caso dessas narrativas específicas, destacam-se as contribuições do folclorista Câmara Cascudo (1971), da pesquisadora, Professora Doralice Alcoforado (2008) e do escritor Ricardo Azevedo (2005). Sobre o conto popular, Alcoforado (2008, p.8) diz:

O conto popular configura uma matéria simultaneamente literária e etnográfica, ao adaptar-se a cada universo cultural para onde se transporta, absorve e incorpora marcas atualizadoras desse contexto. Como um texto etnográfico, é uma narrativa de grande densidade semântica e valor simbólico constituindo-se uma representação do imaginário coletivo. Veiculado pela oralidade, é preciso ter-se a noção, ao estudar o conto popular, das especificidades do texto oral, do seu modo próprio de ser. [...]

A **Poesia**, segundo Carvalho (1982, p. 222) “é transfiguração da realidade objetiva ou subjetiva em expressão de beleza e de contemplação emocional”. Ainda para Carvalho a poesia faz parte de todas as épocas como forma do homem se expressar, enfatizando que sua origem pode ser confundida com a linguagem. Acompanhando a produção de poesias, podemos identificar aquelas que se caracterizam por se constituir como uma narrativa rimada ou não, como é o caso de *ver de ver*, poesia de Maria Dinorah que para exemplificar:

VER DE VER

Naquele espaço
de verde
e ver-se,
pombos e patos
compartilhavam
de lago a céu.

Pombos pousavam
sobre os telhados,
patos patavam
água e escarcéu.

Homens chegaram
com sua indústria
de fome e fogo.

Secaram lagos,
mataram verdes,
jogaram dados
de sorte e morte.

Quando suas armas
cumpriram sina
de desnutrição,
verdes de ver-se,
pombos e patos ainda serão?!

Dentre os autores que são referências na Poesia infantil no nosso país estão: Olavo Bilac, Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa, Mario Quintana, Vinicius de Moraes, José Paulo Paes, Maria Dinorah, Leo Cunha, entre outros.

Com essas categorias trazidas com a colaboração de Coelho e Carvalho, poderemos entender sobre as diferentes narrativas que enriquecem a literatura infantil.

Vamos, agora, a outras considerações sobre a diversidade, conforme Nelly.

3.3 DIVERSIDADE: UM DIALOGO COM NELLY NOVAES COELHO

No decorrer dos meus estudos, estive diante de vários autores que me trouxeram a concepção de diversidade, concepção que agrego aos livros de literatura, de várias formas. Assim é que se pode tratar da diversidade na perspectiva do gosto, dos gêneros, dos autores, dos estilos, das linguagens, dos grupos culturais, enfim concepções que contribuíram para a construção deste meu estudo. Nelly Coelho, nesse sentido, foi fundamental. No debate que traz sobre literatura infantil, invariavelmente, esteve sempre trazendo a diversidade de narrativas acolhidas em todos os gêneros referidos e que tomei como o que caracteriza a diversidade. Em vista disso, intencionalmente escolhi títulos de obras da literatura infantil que poderão ser reconhecidas como típicas daqueles dados que caracterizam a diversidade, preenchida com a categoria gêneros.

Passo apresentar o que colhi de dados em Coelho (2006), no *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*.

Neste livro, a autora aproxima os leitores das diferentes produções narrativas desde a época dos escritores da literatura infantil, tratados como precursores (1808-

1919) até a época atual, tratando da A Literatura Infantil/Juvenil Brasileira , compreendida, entre 1920 e 2006.

A partir de agora, viajaremos com Coelho (2006), na companhia de diferentes autores, em diferentes épocas, através de diferentes narrativas.

No Brasil, assim como nos outros países, a literatura oral se antecipa à escrita, tanto para o leitor criança quanto para o leitor adulto. Sobre essa modalidade de literatura Coelho (2006, p. 15) considera:

Narrativas orais que circulavam entre os povos e cortes européias e cujas origens se perdiam no tempo. Narrativas que, transformadas ou fragmentadas, podem ser rastreadas, hoje, tanto no folclore português (ou europeu em geral) como no folclore brasileiro (principalmente no Nordeste).

Durante o Brasil colônia, os jesuítas, com sua ação catequizadora, transmitiam esse “acervo narrativo popular” para o povo, sem deixar de enfatizar aquelas narrativas que continha o papel moralizante e exemplar.

Em 1759, a reforma de Pombal retira as ordens religiosas do contexto escolar e assim o acervo narrativo popular desaparece da escola e nada foi colocado para substituí-lo. Ao contrário, foi proibida em nosso país qualquer manifestação de movimento cultural.

Com a chegada em 1808 de D. João VI, ao Brasil chegava também um acervo de literatura, considerada “elaborada ou culta”, importado de Portugal. No acervo havia histórias literárias como: *Vida e fábulas do Insigne Grego Esopo*; *O Tesouro das meninas*; *Diálogo entre uma Sábia Aia e suas discípulas de primeira distinção*; *Telêmaco*; *O livro dos Meninos*; *Contos Filosóficos de Francisco Luiz Leal*; *Lições de um Pai a uma Filha na sua primeira Idade*.

Na opinião de Coelho,

Narrativas como essas, predominantemente exemplares, pertencentes ao acervo literário europeu, foram com certeza o húmus que alimentou as nossas primeiras tentativas de produção literária adaptada à crianças brasileiras. Produção literária que, como na Europa, surge essencialmente ligada à escola e dependente das injunções histórico-político-econômicas de cada época. (COELHO, 2006, p.16)

Nos anos de 1822 a 1831, representada pelo primeiro Império com D. Pedro I, existe a preocupação com a leitura para as crianças. Em decorrência a valorização do saber culto e o “saber letrado”, significando a valorização do indivíduo.

Chegando ao segundo Império com D. Pedro II(1840-1889) e o Governo Republicano (1890), época em que politicamente o Romantismo se consolida, percebe-se que a literatura para crianças se desenvolveu “sob a tutela da escola”.

Nesse sentido, nada mais natural que, em seus primórdios, dentro da sociedade liberal-cristã-burguesa, a literatura infantil tenha sido identificada com a prática escolar, tornando-se o importante agente de formação ética e ideológica dos futuros cidadãos. (COELHO, 2006, p.17-18)

A obra *Coração* (1886), do italiano Edmondo De Amicis, ficou conhecida por transmitir as idéias que retratavam a época. Nesse momento, em que viam a escola como espaço da formação do cidadão, os livros escolares eram o principal meio para formação da mentalidade dos alunos brasileiros. Os livros literários infantis eram traduções e adaptações de histórias da Europa que fizeram grande sucesso por lá.

Coelho especifica algumas tendências com suas características que faziam parte das produções literárias dessa época. Gostaria de apresentar essas tendências:

Pueril, que tem como objeto as divertidas ou inconseqüentes “travessuras” infantis, sempre castigadas ou censuradas quando resultantes de atos de desobediência ou de desejos de aventura e liberdade.

Humanismo dramático, que tem como objeto o “sofrimento” da vida, a ser suportado com a coragem e resignação, para que a “felicidade” seja afinal alcançada, tal como está presente no universo criado por Hans Andersen e seguidores.

Exemplar e moralizante, que oferece padrões de comportamento a serem imitados, para que a sociedade exista em equilíbrio, tal como se apresenta no universo criado pela Condessa de Ségur e seguidores.

Maravilhoso ou Fantasia, herança dos primórdios da literatura e já esvaziada de seu primitivo simbolismo, mas ainda expressando vivências básicas da condição humana, como está presente nos contos de Grimm e de Perrault.

Nacionalismo e fervor patriótico, que exerce o indivíduo a se assumir como cidadão e a dedicar sua vida à defesa ou à grandeza da pátria.

A literatura infantil e juvenil produzida pelos precursores seguiu alguns valores ideológicos relacionados a essas tendências. Assim é que as obras infantis tendiam ao:

Moralismo, religiosidade e didatismo: são narrativas que dão grande importância a “obediência”, a “caridade”, valorizando o sofrimento “na pureza de corpo e alma”. Estabelecem nessa literatura “o que é certo ou errado, bom ou mau, belo ou feio”.

Intelectualismo: A literatura que tem como tendência o intelectualismo valoriza o saber, em que o estudo e os livros estabelecem maneiras “essenciais” para a “realização de todos os indivíduos”, possibilitando a “ascensão econômica, através da cultura”.

Nacionalismo: Essa tendência foca na “preocupação com a língua portuguesa que era falada no Brasil”. Existe outra preocupação, incentivar “nos novos o entusiasmo e a dedicação a pátria, culto as origens e o amor a pátria”, ou seja, tudo que faz parte do Brasil, em especial a vida no campo em “oposição à vida urbana”.

Tradicionalismo cultural: As obras e autores do passado tinham a referência de serem obras literárias que merecem valorização como “modelos de cultura a ser assimilada e imitada”, a partir disso que essa tendência é voltada.

Patriarcalismo: Valorização da “autoridade do homem sobre a mulher”, independente da relação entre eles ou seu grau de parentesco. “A Famosa “Tagarelice” atribuída às mulheres, palavra sem conseqüência, nem poder; e o laconismo do homem (pai, esposo, patrão...) cuja palavra tem valor de lei”. A literatura é tomada por esse preconceito sobre a mulher dirigida tanto para crianças

e jovens “praticamente toda a literatura tradicional e grande parte, embora inconsciente, da produção contemporânea”.

Adultocentrismo: Nessa tendência a criança do século XIX, “com o Romantismo correspondeu à imagem de um “adulto em miniatura”“. A criança teria que passar pela fase da imaturidade e agir como adulto. Uma educação rígida era essencial para “sanar” as “carências e falhas” das crianças.

Idealismo: Os brasileiros faziam esforços para “atingir o nível de civilização que, então, era tida como ideal: a européia”. Coelho afirma que ainda hoje existe no grande público a mesma forma de imitar maneiras de outros lugares e considerar como ideais, ao invés de consolidar a verdadeira realidade brasileira.

Vamos viajar agora, sempre com a colaboração de Coelho (2006), pelos séculos XX e XXI em que houve grande mudança para literatura infantil e juvenil no Brasil. Começaremos pelo grande responsável por essa mudança, Monteiro Lobato, segundo Coelho o “divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje”.

Lobato apresenta novas idéias e formas para a literatura infantil, rompendo com as questões “estereotipadas” que faziam parte da literatura no século anterior, pois tinha uma preocupação com os livros escritos para as crianças, em decorrência disso tinha o intuito de “traduzir e adaptar fábulas de Esopo e de La Fontaine em linguagem acessível aos pequenos brasileiros”.

Em 1920, na *Revista do Brasil* em São Paulo, alguns fragmentos da história *A Menina do Narizinho Arrebitado* e sai também pela Editora Monteiro Lobato com ilustrações de Voltolino a mesma história. Era a criação da “literatura infantil brasileira moderna”

Entre os anos de 1930 e 1940, outros escritores iniciaram suas produções voltadas PARA as crianças entre eles estão: Baltazar Godói, Carlos Lébeis, Érico Veríssimo, Gondim da Fonseca, Graciliano Ramos Jerônimo, Luís Jardim, Luiz Gonzaga Fleury, Malba Tahan, Narbal e Ofélia Fontes, Orígenes Lessa, Viriato Corrêa e Vicente Guimarães.

A partir das narrativas desses autores Coelho (2006, p.49) considera:

No conjunto, a produção desses autores mostra os diferentes tipos de narrativas que então se ofereciam aos interesses dos leitores: narrativa da *pura fantasia* (na linha dos contos maravilhosos), as da *realidade cotidiana* (registrando experiências comuns do dia-a-dia, em casa, na escola ou em férias, bem familiares à criança), as da *realidade história* (exaltando a terra brasileira, episódios nacionais ou homens brasileiros notáveis...), as da *realidade mítica* (redescobrimo figuras ou lendas folclóricas) e as do *realismo maravilhoso* (mostrando o maravilhoso como elemento integrante do real, tal como o fazia Lobato e como é comum ao pensamento mágico da criança).

Em decorrência disso, surge a discrepância entre realismo e imaginação fantasiosa, caracterizando-se o realismo pela valorização atribuída ao “conhecimento científico ou pragmático que devia formar o cidadão”.

Chegando à década de 1940, a literatura “quadrinizada” expande-se, os super-heróis chegam ao Brasil através dos países de fora como: Agente secreto X, Dick James, Charlie Chan e Dick Tracy. As meninas são lembradas por coleções traduzidas: *Biblioteca das Moças*, *Coleção Rosa* e *Biblioteca das senhorinhas*.

Os escritores e escritoras que iniciaram na década de 1940 suas narrativas para crianças e jovens têm suas obras no acervo da literatura brasileira. São eles: Camilla Cerqueira César, Elos Sand, Edy Lima, Francisco Marins, Hernani Donato, Lúcia Machado de Almeida, Maria Lúcia Amaral, Mário Donato, Odette de Barros Mott e Virginia Lefevre.

Na década de 1950, Coelho nos explica que “A fantasia é redescoberta, principalmente *através* da fusão do real com o imaginário (como no caso de Aventuras de Xisto, de Lúcia Machado de Almeida). Os escritores em conjunto com os da década passada produzem as narrativas. Citemos alguns: Gilda Figueiredo Padilha, Isa Silveira Leal, Leonardo Arroyo, Lucília Junqueira de Almeida Prado, Maria Heloisa Penteado, Maria José Dupré, Terezinha Éboli, Terezinha Casassantra.

Nos anos de 1970,

Sopram ventos criadores, novas palavras de ordem: o *experimentalismo* com a linguagem, com a estrutura da narrativa e com o visualismo do texto; substituição da literatura confiante/segura por uma literatura inquietante/questionadora, que põe em causa as relações convencionais existentes entre a criança e o mundo em que ela vive, questionando também os valores sobre os quais nossa sociedade está assentada. (COELHO, 2006, p.52)

Dentre os autores que tiveram a “criatividade e consciência crítica comprovadas por uma produção inovadora” e que fizeram parte desse período conhecido como bomm da literatura infantil, estão: Ana Maria Machado, André Carvalho, Ary Quintella, Bartolomeu Queirós, Carlos de Marigny, Dirceu Quintanilha, Domingos Pellegrini, Edson Gabriel Garcia, Edy Lima, Euclides Marques de Andrade, Everaldo Moreira Veras, Eliane Ganem, Elias José, Fernanda Lopes de Almeida, Ganymédes José, Giselda Laporta, Henry Correa de Araújo, Haroldo Bruno, Ignácio de Loyola Brandão, Joel Rufino dos Santos, João Carlos Marinho, Leny Werneck, Lurdes Gonçalves, Lúcia Pimentel Góes, Lúcia Aizim, Luiz Paiva de Castro, Lygia Bojunga, Margarida Ortoni, Martha Azevedo Pannumzio, Rachel de Queiroz, Ruth Rocha, Sérgio Caparelli, Teresa Noronha, Vivina de Assis Viana, Wander Piroli, Werner Zotz, Ziraldo...

Nos anos 1980, são publicados livros de histórias sem texto, a história é contada apenas por imagens, as crianças ficaram fascinadas. Alcy Linares, Ana Raquel, Ângela Lago, Eva Furnari, Angela Lago, Eliardo França, Humberto Guimarães, Tato Orthof, Ziraldo... São artistas que publicaram livros.

A partir dessa diversidade de narrativas e autores que Coelho traz e partilha com seus leitores, percebemos a importante construção da literatura que se vem constituindo com o passar dos anos. Percebemos que ainda hoje, século XXI, as narrativas e os autores se não ainda estão presentes no mundo literário da criança, poderão estar e que as diferentes narrativas favorecem a diversidade de leituras para elas.

A exemplaridade sisuda ou jocosa dos livros tradicionais cedeu às emoções positivas do viver e, principalmente, cedeu ao desafio dos questionamentos que abrem espaço para os futuros problemas da vida que o pequeno leitor terá que resolver, quando chegar a sua vez. (COELHO, 2006,P.54)

4 A ESCOLA COMO ESPAÇO PARA A DIVERSIDADE LITERÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA.

As informações e narrativas contidas neste capítulo resultam das observações realizadas no campo empírico de estudo. Realizei três observações em instituições escolares nas quais já havia estagiado e a elas faço referência no cap. 1, p.10. Como não há interesse de estudo sobre as instituições, em si, me reservo a fazer referência as três, identificando-as como Escola 1, 2, 3, no caso de uma delas usarei também o termo creche, por se diferenciar da noção de escola. Escolhi intencionalmente essas instituições também pelo fato de, nos livros que nelas circulam, haver dados com os quais posso tratar sobre a diversidade, considerando a singularidade e pluralidade. Assim, esses espaços puderam contribuir para ampliar a compreensão do meu objeto de estudo. Sobre o fato de recorrer às instituições escolares para estudo específico, compreendi com Carvalho que:

A escola foi tomada como espaço físico e social adequado para coleta dos dados, devido ao fato de crer-se que o texto literário, nesse ambiente, deve circular com mais frequência, tendo em vista ser ela, hoje, a principal responsável pela mediação de leitura literária na sociedade brasileira, muito embora outros mediadores também se façam presentes, como, por exemplo, a família. (CARVALHO, 2004, p. 272)

Optei por estabelecer com o informante ao qual tivesse acesso – diretor, professor, bibliotecário- um diálogo informal, orientado pelo objetivo da pesquisa. A partir do diálogo fiz registros no meu diário de campo. Os registros, depois de lidos e reorganizados, foram analisados. Os critérios de escolha das obras para ser exposta neste trabalho foram intencionalmente escolhidos a partir da própria diversidade, através das mais diferentes histórias que retratariam aos variados gêneros literários e as tendências que Coelho nos apresenta. As análises me permitiram fazer constatações válidas para o estudo. Optei por trazer as considerações separadamente para maior compreensão dos dados encontrados em cada instituição escolar.

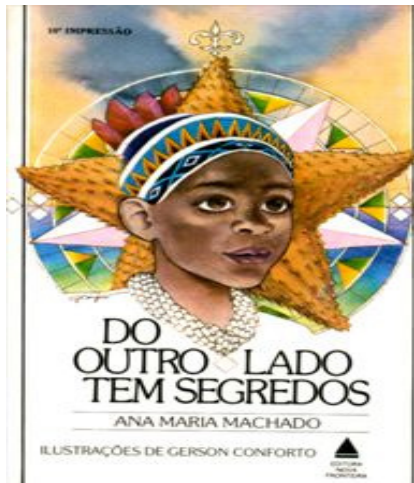
4.1 ESCOLA 1

Meu primeiro contato na escola foi com a diretora. Ela explicou que a escola não tinha uma biblioteca, pois o espaço que seria disponível para esse fim estava sendo ocupado com outra finalidade. Em vista disso me encaminhou para sua sala, onde alguns livros, principalmente aqueles que haviam chegado no corrente ano, ficam alojados. Dessa informação decorreu outra: as professoras que desejarem trabalhar com o acervo literário teriam sempre que se dirigir àquela sala para selecionar e ter o livro escolhido. A seguinte, diz respeito à origem do acervo. Além dos livros de literatura que a Prefeitura Municipal de Salvador, através dos serviços da SMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura), encaminha à escola, a escola também recebe doações da Caixa Econômica, Petrobrás, MEC(Ministério da Educação), UNESCO(Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

Na sala da direção, encontra-se, por exemplo, a coleção Mundo do Ziraldo, uma composição de 30 títulos do escritor Ziraldo acondicionado em uma maleta, doada pela Prefeitura Municipal de Salvador.

Além desse espaço, existe um outro em que o acervo literário da escola fica: a sala dos professores. Lá encontrei uma boa quantidade de livros, estimada em mil volumes. A essa sala os alunos têm acesso, em companhia da professora conseqüentemente, aos livros. Ali eles fazem o empréstimo do exemplar (ou de exemplares) e a leitura é realizada na própria escola, ou em sua casa.

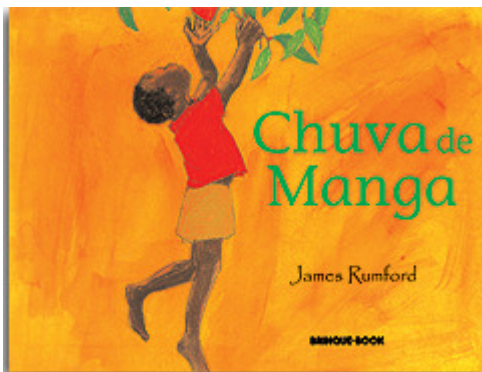
Enfim, fui coletando em todos os espaços onde encontrava livros aqueles que eram de literatura. Explicitarei algumas para aproximar o leitor um pouco do acervo desta primeira escola.



Do Outro Lado tem Segredos é um livro de Ana Maria Machado. Ele retrata a história do menino Benedito que espera ansiosamente para ir ao mar junto com os pescadores. Enquanto isso, ele ajuda os pescadores e aprende as tradições e cultura do seu povo.

Nessa obra podemos notar a existência das “relações convencionais entre a criança e o mundo onde vive”, enfatizado por Coelho nos anos de 1970 em que a autora deste livro se faz presente nas produções deste ano. Além disso, podemos nos remeter ao

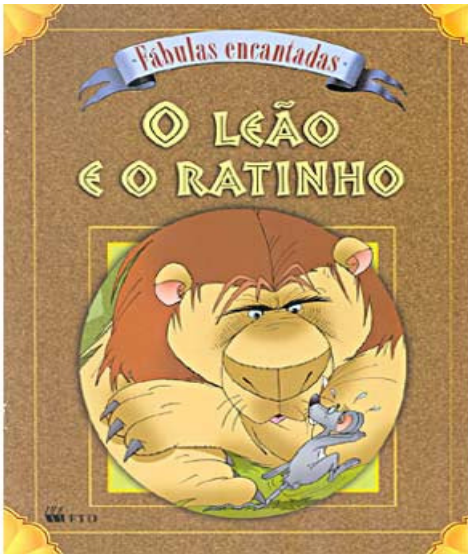
gênero folclórico, através do qual as tradições são passadas para o povo e possibilita o conhecimento de uma cultura.



Chuva de Manga tem como autor James Rumford. É uma história selecionada pelo PNBE 2008. Essa história é passada na África, mas a realidade tem uma relação com a do Brasil. Na história, o menino Tomaz está em terra seca e espera ansiosamente pela chuva. Quando ela cai, lhe dá alegria de saborear a manga, e a

oportunidade de valorizar tudo o que tem, mesmo sendo pouco.

A realidade cotidiana está presente nesta história, pois são retratadas as “experiências comuns do dia-a-dia”. Neste sentido, torna possível o questionamento “dos valores sobre os quais nossa sociedade está assentada” questão que Coelho enfatiza na obra estudada neste trabalho.



O Leão e o Ratinho é uma coleção de fábulas encantadas adaptada por Dulcy Grisolia. Conta as histórias de bichos que falam e protagonizam situações fantásticas em que a bondade e maldade, inveja e ambição são componentes desta história. Sempre com alguma lição de ensinamento no final da narrativa.

Esse livro traz uma fábula em que os animais prefiguram a imagem do homem em animal e traz no

final uma moral sobre alguma coisa, nesse caso enfatiza a bondade e maldade.



Ruth Rocha mexe com o imaginário da criança no seu livro *Quem tem Medo de que?* “Medo” de lagartixa, trovão, vampiro, escuro, injeção, cachorro...

Uma História que mexe com a relação do medo da criança, de forma alegre, realmente uma “criatividade e consciência crítica comprovadas por uma produção inovadora”, trazendo a relação da criança com o mundo, em que algumas coisas existem e outras não existem. E por que o

medo?



A Menina na Varanda, autoria de Leo Cunha, selecionada pelo PNBE 2008(Plano Nacional Biblioteca da Escola), conta a história de uma velha pianista que vivia sozinha, na sua janela ela olha e só vê prédios. Ela enxerga uma menina na varanda em frente, como não enxergava bem começou a conversar com a menina até que colocou os óculos e percebeu que era uma escultura de anjo, a velha retirou os óculos e continuou a conversar.

Uma bela reflexão de vida que contribui para questionamentos “dos futuros problemas da vida que o leitor terá que resolver”.

4.2 ESCOLA 2

Nesta escola, fui atendida pela coordenadora de atividades complementares da escola e uma das responsáveis pela biblioteca. Ela me apresentou à biblioteca da escola que se chama Ruth Rocha. Constatei pelo registrado apresentado um acervo de cinco mil exemplares.

Segundo suas explicações, os livros são escolhidos através dos catálogos de editoras como: Moderna, Ática, FTD, SMS, Scipione. Ainda segundo a coordenadora, as editoras mandam seus catálogos, a equipe de professores analisa os livros e estabelece com as editoras um diálogo. O critério principal adotado é a faixa etária. “Quando achamos que determinado livro não está apropriado para tal

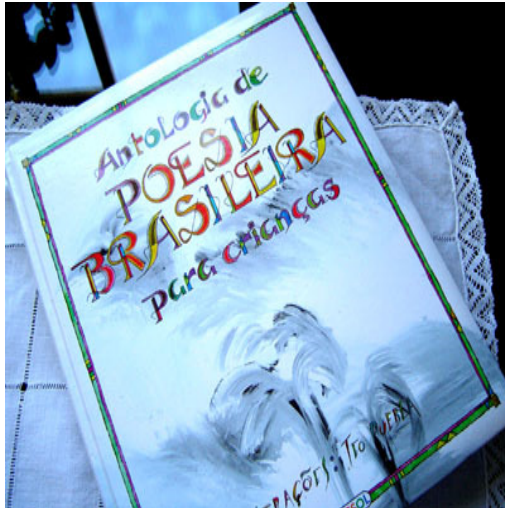
faixa etária, colocamos a tarja com a cor determinada por faixa etária e reenviamos para eles analisarem”, diz ela.

Todo ano é renovado o acervo da biblioteca, geralmente os livros antigos são doados ou reciclados. A coordenadora é também escritora há um título do seu livro na biblioteca: *Bicho também é Gente*.

Os alunos circulam pela biblioteca para manusear e pedir empréstimos dos livros. São realizadas também atividades como contação de histórias para as crianças da Educação infantil, através dos livros que compõem o acervo da biblioteca.



O livro *Pais e Mães* de Nelson Albissú conta a história da relação dos filhos com pais separados, que também podem ser criados por avós, tios e tias. Torna-se possível, a partir desta história, o questionamento da criança com os “valores sobre os quais a sociedade está assentada”, Coelho nos traz a compreensão de que uma literatura como essa pode ser considerada inquietante e questionadora, produzida principalmente a partir do ano de 1970.



Chovem duas Chuvas

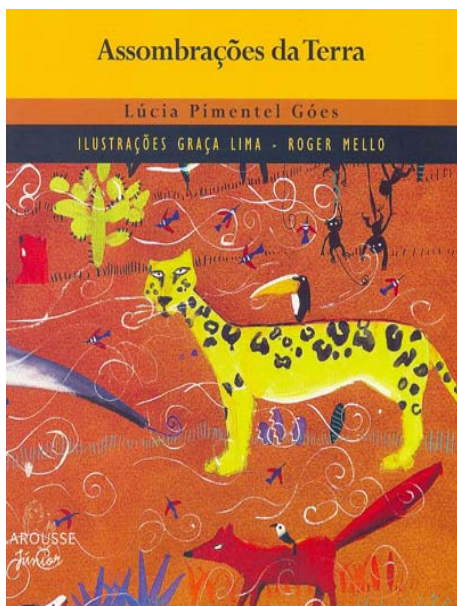
Chovem duas chuvas:
De água e de jasmims
Por estes jardins
De flores e nuvens.

Sobem dois perfumes
Por estes jardins
De terra e jasmims
De flores e chuvas

E os jasmims são chuvas
E as chuvas, jasmims, por estes jardins
De perfume e nuvens.

Cecília Meireles

Essa é uma bela poesia, uma bela expressão de beleza.

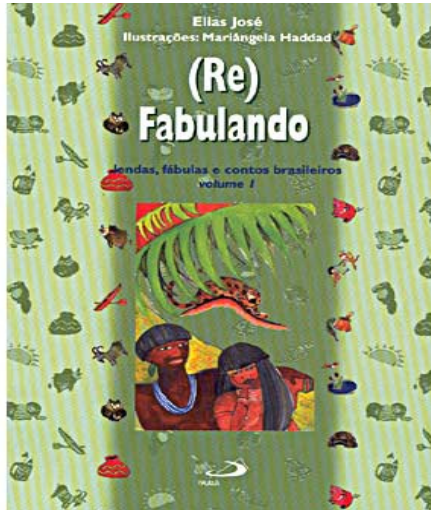


“Você já viu alguma assombração? Lobisomen?
Ou algum lagarto encantado?”

É provável que não, a menos que você conheça o mundo invisível do imaginário, repleto de estórias que passaram por gerações.

As assombrações da terra, que Lúcia Pimentel reuniu aqui, fazem parte do imenso universo de estórias de origem européia. Quando chegaram ao Brasil, elas se misturaram com as dos indígenas e dos africanos. Com o tempo, dessa mistura foi criado nosso folclore e história. Agora, abra o livro! Aí adiante estão à sua espera: um unicórnio, um lobisomem, um príncipe lagarto e um divertido casamento de raposa em dia de chuva e sol”. (Nelly Novaes Coelho, 2006).

Com a ajuda de Coelho, podemos perceber a relação do Tradicionalismo cultural, pois existe a valorização dos autores e obras do passado através das histórias que se misturam e enriquece nossa literatura.



Este livro (Re) fabulando de Elias José apresenta narrativas da cultura popular brasileira que há anos existe. “Pretende aproximar o leitor a um Brasil distante, mas muito brasileiro e mágico poético”.

O Nacionalismo está presente nesta narrativa, valorizando a língua, manifestações e as diversas culturas de que o Brasil é composto.



Nesta obra, *A Escola do Marcelo*, Ruth Rocha retrata a escola como um espaço de conhecimento, através da criatividade, de jogos e atividades.

Trazendo o estudo que foi exposto de Coelho sobre a variedade de narrativas produzidas durante os anos, existe uma aproximação desta obra de Ruth Rocha com a “valorização do saber, através da cultura” representada pelo Intelectualismo que é

mencionado pelos precursores em suas produções.

4.3 ESCOLA 3 (CRECHE)

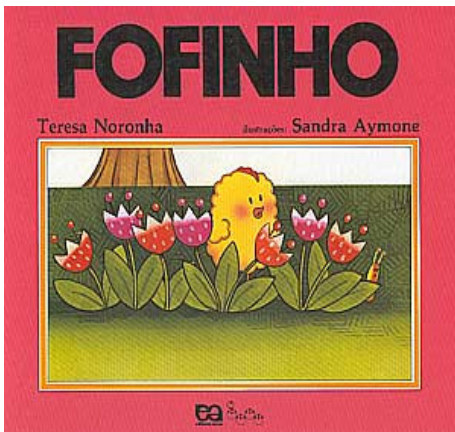
Estive com a bibliotecária da creche. Ela me apresentou algumas curiosidades do acervo da biblioteca. A creche conta com uma biblioteca bem estruturada fisicamente, porém pequena em quantidade de exemplares.

A creche não conta com distribuição de obras literárias, por isso são promovidas feiras de livros em que as editoras colocam à venda suas obras e,

dependendo da quantidade de vendas realizadas na creche, são doados alguns livros para a creche. Algumas vezes pais das crianças doam alguns livros.

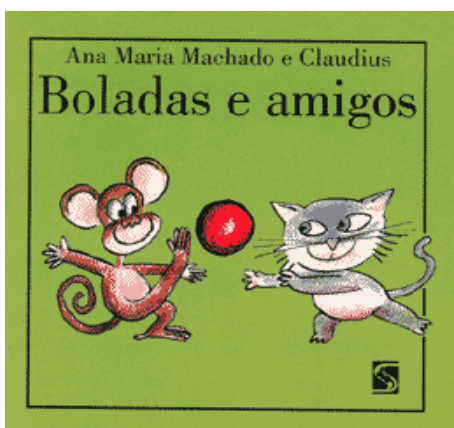
Como a creche atende crianças de 0 a 3 anos, muitos livros doados estão fora da faixa etária. A solução encontrada pela bibliotecária é tentar trocar em sebos. Além disso, A creche recebe muitos livros de contos de fadas que já constam na biblioteca, então a tentativa é vender para se obter dinheiro para compra de outros livros.

Com base nos dados constatados, posso fazer as seguintes sínteses:



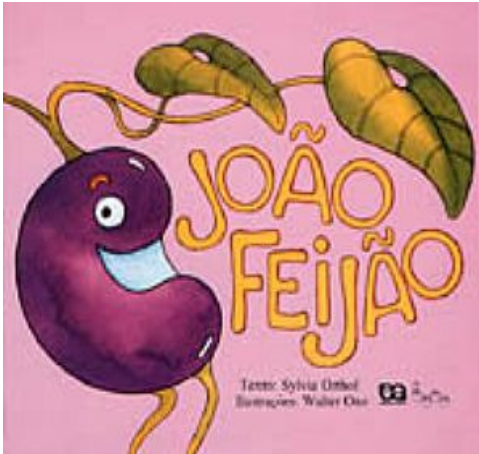
Fofinho, livro de Teresa Noronha. Narra a história de um pintinho que foi dado de presente para Mariana. Um dia, Fofinho fugiu do caixote e começou a procurar por sua identidade verdadeira. Ele se defronta com várias possibilidades de pertencer a uma família. Seria um balde, um patinho, cachorro, abelha, ou galinha?

Esta narrativa faz parte do gênero literário, fábula, em que fofinho retrata uma situação humana na busca da sua identidade.



Ana Maria Machado, em companhia de Claudius, construiu a história *Boladas e Amigos*. O macaco e o gato estavam se divertindo, jogando bola. O macaco chamou o galo para jogar bola e como o galo não aceitou o convite, então o macaco lhe deu uma bolada.

A história também é representada pela fábula, o animal interpreta uma situação humana e diverte o leitor com essa história divertida.



João Feijão, texto de Sylvia Orthof, conta a história da semente que quer germinar e crescer revela a situação de sua vida, metaforizada. Enfatizando uma narrativa que retrata uma situação de vida de “seres inanimados”.

Essa história, pelo fato de o grão de feijão ser personificado, se a grega à categoria apólogo.



O Homem que Amava Caixas é de autoria Stephen Michael King, autor estrangeiro. A narrativa é sobre um pai que amava seu filho e amava também fazer caixas. Como não falava para seu filho que o amava, resolveu demonstrar seu amor através da construção de caixas que confeccionava para o filho e assim eles brincavam com os brinquedos que eram construídos.

Essa história nos remete às relações convencionais que Coelho nos diz sobre as escritas do ano 1970, que existe entre a criança e o mundo que a mesma vive, pois nessa época é possível o questionamento dos valores incutidos na sociedade, por isso a relação de pai e filho pode ser estabelecida de várias formas, como na construção de meios para demonstrar ao filho que o ama, como retrata o livro.



Essa história, *Bichinho da Maça*, escrita por Ziraldo, é contada pelo próprio bichinho que vive na companhia de seus vizinhos, outros bichos. De repente, se depara com a cobra e o perigo de ser comido por um homem, mas ele consegue se livrar dessa.

O próprio “bichinho da maçã” nos conta essa história, caracterizando assim essa narrativa como fábula. O bichinho contracena com outros bichinhos como ele, contando as aventuras para conseguir não ser comido por um humano.

5 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Como fiz referência na p. 14, atenta à literatura na perspectiva da diversidade, realizei o estudo monográfico que, agora, apresento. Objetivei levantar aspectos da produção literária que representam a diversidade, caracterizando-a, e identificar se a literatura na perspectiva da diversidade está presente na escola, sob forma de escolha intencional dos professores que com ela lidam no seu cotidiano. Para tanto, fiz dois percursos: o que me proporcionou acesso à literatura que debate sobre a literatura e o que me proporcionou acesso àquelas instituições nas quais realizei estágio do Curso de Pedagogia e que me motivaram para a realização deste estudo.

Com o acesso à literatura que debate sobre a literatura, construí um corpo teórico, dialogando com pesquisadores da questão, buscando, principalmente, identificar aspectos presentes na produção literária que colaboram para a compreensão sobre o que constitui a diversidade, quando o que abordamos é a literatura. Com o acesso às instituições escolares, colhi, através de diálogo com professoras e, através do acesso ao acervo de livros literários nelas contidos, informações com as quais pude responder se a literatura, na perspectiva da diversidade, está presente na escola, sob forma de escolha intencional dos professores que com ela lidam no seu cotidiano.

Passo a apresentar, então considerações conclusivas.

Em primeiro lugar, considero a “viagem” sobre a origem da literatura infantil e, em seguida, sobre a literatura infantil no Brasil. A viagem contribuiu para identificar a diversidade nas obras literárias, categorizada como fábulas de La Fontaine, contos, clássicos da literatura, vindos de La Fontaine e Charles Perrault, histórias contadas de forma delicada que me mostraram a riqueza de literatura que diferentes autores proporcionam para o leitor, desde a origem da literatura voltada para as crianças.

Constatei também, lendo Coelho que poderia categorizar a diversidade de uma outra forma. Através das tendências, considerando características ideológicas e que com o passar dos anos vão se modificando as narrativas em decorrência de outras questões ideológicas que caracterizam as produções dos escritores que se solidificam com o decorrer dos anos.

Ao fazer relação da literatura com a escola, constatei que, no que diz respeito à capacitação de leitores, que desconsideravam a opinião do leitor-aluno, e que eram utilizadas práticas autoritárias. Neste sentido, coloco como importante na relação da literatura com a escola, as variedades de narrativas, para possibilitar ao leitor-aluno diferentes leituras que são publicadas, não a leitura por imposição autoritária de obras.

Continuando o estudo, foi importante visitar escolares espaços que têm a literatura como parte integrante de um acervo que proporciona a relação das crianças com o mundo literário.

As visitas me proporcionaram tecer as narrativas em diferentes pontos da diversidade, mas, ao mesmo tempo, percebi que duas instituições são carentes de acervo com o qual se possa falar de diversidade. Isso ocorre, pois, de alguma forma, porque não recebem apoio para diversificar seu acervo. Teci também narrativas sobre como no caso de uma escola o acesso das crianças às mais variadas literaturas fica restrito. Isso se deve ao fato de não terem acesso a todo o acervo que deveria estar disponível para seu contato com as narrativas. Só eram disponibilizados quando a professora se programava para utilizar o livro em sala de aula.

Através dos exemplares de literatura encontrados nas escolas, notamos que existe uma diversidade de gêneros e tendências nas escritas. Em contrapartida notamos que precisamos de mais variedades de narrativas, pois como afirmava Magnani que a diversidade favorece o gosto das crianças, com isso quanto mais acesso a diferentes narrativas nas escolas, mais as crianças estarão beneficiadas pela diversidade da literatura.

A diversidade mostra a riqueza das produções que são escritas por autores conhecidos ou não, que colaboram para a criação do imaginário, ou formação dos gostos, como ainda para ampliar o conhecimento informativo e desenvolver o pensamento crítico da criança.

Constatei também que a diversidade do acervo não atende ao que vem sendo proposto pela Lei 10.639 atualizada neste ano de 2008 pela lei 11.645. A meu ver, isso sugere que a diversidade ainda não atende ao que é necessário à educação

das crianças das escolas, modo geral, pois não têm acesso a uma parte das narrativas de grupos humanos que se inscrevem na história do Brasil.

Em vista do exposto concluo: A literatura na escola: enfim a diversidade? Se considero os dados explicitados nos cap. 4, seguindo as categorias de Coelho e de Carvalho POSSO DIZER QUE SIM. Mas, se levo em consideração o que contemporaneamente está previsto na lei, digo que não. A escola ainda carece de apresentar no seu acervo narrativas sobre a “História e Cultura Afro- Brasileira e Indígena”, possibilitando conhecimento das contribuições da cultura negra e indígena brasileira na nossa sociedade, para que possa afirmar: enfim a diversidade.

Em decorrência do resultado da pesquisa que realizei, crio expectativa de que a escola amplie seu acervo, garantindo a diversidade para leitura das crianças e que será mostrada em um conjunto de obras em haja: contos populares, contos de fada, contos maravilhosos, lendas, apólogos aqui coloque tudo quanto tratou como diversidade.

Quanto a mim, continuarei pesquisando sobre o assunto que é inesgotável e partilhando, nas escolas por onde passar, as constatações aqui narradas..

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Diversidade de narrativas. In: PAIVA, Aparecida; EVANGELISTA, Aracy; PAULINO, Graça; VERSANI, Zélia (orgs.). **No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo horizonte: Autêntica, 2000. v. 5, cap.9 , p.121-134.

ALBISSÚ, Nelson. **Pais e filhos**. [S.I.]: Cortez, 2005.

ALCOFORADO, Doralice. **Belas e Feras Baianas: um estudo do conto popular**. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2008.

AZEVEDO, Ricardo. **Armazém do Folclore**. São Paulo: Ed. Ática, 2005.

BERENBLUM, Andréa; PAIVA, Jane. **Programa nacional biblioteca da escola (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras/ secretaria básica, coordenação-geral de materiais didáticos- Brasília: ministério da educação, 2008 130p.**

CASCUDO, Câmara. **Tradição, ciência do povo**. São Paulo: Perspectiva. 1971

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **Discurso e Ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 2. ed. São Paulo: Edart, 1982. 306p.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. Com a palavra o leitor infantil. In: CECCANTINI, João Luís C. T. (orgs.). **Leitura e literatura infantil-juvenil: memória de Gramado**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2004. p. 269-285.

CARVALHO, Neuza Ceciliato. A emancipação do sujeito infantil pela discursividade do delírio em *Bisa Bia, Bisa Bel*. In: PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves; ANTUNES, Benedito. **Trança de histórias: a criação literária de Ana Maria Machado**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004. p. 67-85.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil- juvenil**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991. 285p.

_____. **O conto de fadas**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991. 92p.

_____. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000. 287p.

_____. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006. 910p.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006. 139p.

CUNHA, Leo. **A menina da varanda**. [S.l.]: Record, [21--].

DINORAH, Maria. Ver de ver. In: _____ Ver de ver. São Paulo: FTD, 1997, p.22.

GRISOLIA, Dulcy. **O leão e o ratinho**. São Paulo: FTD, 2001.

IBÁÑEZ, Cecília Ruiz (Org.). **Antologia de poesia brasileira para crianças**. [S.l.]: Girassol, [21--].

GÓES, Lúcia Pimentel. **Assombrações da terra**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2006.

JOSÉ, Elias. **(Re) fabulando**: lendas, fabulas e contos brasileiros. [S.l.]: Paulus.

KING, Stephen Michael. **O homem que amava caixas**. Tradução de Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque- Book, 1997.

KRAMER, Sonia. Infância, cultura e educação. In: PAIVA, Aparecida; EVANGELISTA, Aracy; PAULINO, Graça; VERSANI, Zélia (orgs.). **No fim do século**: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil. Belo horizonte: Autêntica, 2000. v. 5, cap. 1, p.9-36.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: histórias e histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999. 190p.

MACHADO, Ana Maria. **Do outro lado tem segredos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

MACHADO, Ana Maria. **Boladas e amigos**. São Paulo: Salamandra, 1984.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 170p.

NEVES, André. **Brinquedos**. Série Fazendo Histórias. São Paulo: Ed. Ave-Maria, 2000.

NORONHA, Teresa. **Fofinho**. São Paulo: Ática, 1997.

ORTHOF, Sylvia. **João Feijão**. São Paulo: Ática, 2000.

PAULINO, Graça. Diversidade de narrativas. In: PAIVA, Aparecida; EVANGELISTA, Aracy; PAULINO, Graça; VERSANI, Zélia (orgs.). **No fim do século**: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil. Belo horizonte: Autêntica, 2000. v. 5, cap. 2, p.39-48.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RESENDE, Vânia Maria. **Literatura Infantil & juvenil**: vivências de leitura e expressão criadora. São Paulo: Saraiva, 1993 .

ROCHA, Ruth. **A escola de Marcelo**. São Paulo: Salamandra, 2001.

ROCHA, Ruth. **Quem tem medo de que?** São Paulo: Global, 2003.

RUMFORD, James. **Chuva de manga**. São Paulo: Brinque- Book, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 10. ed. São Paulo: Global, 1998. 118p.

ZIRALDO. **O Bichinho da Maça**. São Paulo: Melhoramentos, [21--].